O décimo quinto Amigo de Deus

A trajetória de um cidadão brasileiro.

Este livro é obra de: Teófilo Santana.
OSB: TÉO = DEUS
FILO = AMIGO
Dedico este livro a:.....

QUE VOÇÊ SEJA FELIZ, mesmo sendo a felicidade inconstante.

SEMPRE TENHA ESPERANÇA, mesmo em situações adversas. NUNCA QUEIRA FICAR SEM PROBLEMAS, CONVIVER COM ELES PODE SER A MOLA PROPULSORA DA CAMINHADA.

Índice

Introdução.....03
O nascimento..... 07
Vontade de fazer.....09
A fuga.....12
Fixando na terra.....14
Fruta banana.....17
Aqui estar ótimo.....18
Criação e arte.....21
A possibilidade de fazer.....25
Caçando..... 28
A criança na roça.....30
Candeeiro.....35
Brincadeiras e travessuras.....39
Iniciação ao trabalho.....42

As surras.....46
A facada no boi.....48
O remédio.....51
Para manter o domínio.....53
Travessia.....54
Próximo do brejo.....59
As vacas.....62
Campeando.....63
Caminhar é preciso.....66
As professoras.....69
As botinas.....75
Hora de acordar.....77
Caminho da roça.....78
Traição.....80
As peladas.....86
Trabalho duro.....87
Luta para ver os filhos na escola.....90
A cobra.....94
A profissão.....95
A satisfação de mudar.....97
No good garden (Bom Jardim) 99
Visita indesejada.....104
Ainda no passado.....107
E o futuro!.....112
O pagamento.....113
O meio de transporte.....115
O leite.....122
Os filhos se virando.....124
Os pedaços de frango.....127
Os pastéis.....129
Diversões.....131
Brigas e brincadeiras.....142
Vertebral de ferro.....147
As garrafas.....149

O prático.....151
Os presentes.....154
O doido.....156
Maldade.....157
A porteira.....158
A palmatória.....160
Brigas de Rua.....162
Eleição.....166
A derrocada do bonitão.....170
Água no pescoço.....174
(Ir) racional.....178
Desejos.....181
Amigo do amigo.....182
Perto do futuro.....184
Outro passo à frente.....186
Vai acontecer! Vai.....195
A Barra pesa..... 198
Sebastião 201
Saindo da irracionalidade..... 204
Bom filho a casa torna..... 208

INTRODUÇÃO

Para escrever um livro é necessário possuir alicerces bem fundamentados, porque um livro se faz dependente e quem o escreve torna responsável por ele a caminhada inteira. Se a obra estiver bem-acabada será o filho que nasceu, cresceu e se fez racional de perante das exigências que a caminhada impõe, do social constituído, d'outra forma, será um filho comum que nasceu e passou pela caminhada usufruindo de privilégios de caminhar, mas, quem

sabe, ofuscado nos enredos dos 99% desta trama social constituída pelo próprio racional que vai dos 0,5% do nascimento até os 0,5% do recolhimento.

O autor deve cuidar-se para não gerar filhos fora das convicções dos 99% sistemáticos, se assim não for, ele tornar-se-á fardo e cansaço e morrerá sucumbido nas traças de uma estante qualquer; hospedeira de muitos e muitos livros e, também por falta de amantes ao conhecimento.

O autor quando publica um livro ele propõe construir sociedade entre o escritor e o leitor.

Sempre é difícil a proposta de concretizar a escrita, os racionais da convivência do autor são as primeiras a duvidarem da capacidade dele antes da fama; se ela vier acompanhada de resultados financeiro ele será o máximo da caminhada de todos.

Escrever é questão de dom, repetição, persistência e aprimoramento ao ato de escrever. Depois de crescido, família constituída é maluquice de quem não tem mais o que fazer, é o caso aqui, começa inventar coisas fora da própria capacidade. Quando alguém ia reclamar de racionais velhos, hoje idosos para minha altíssima mãe ela dizia: “não quer ficar velho, morre novo”, esta frase é pesada, mas sincera.

Para chegar ao leitor pode ser menos complicado, mas àqueles que possuem apenas vontade de fazer parte de um grupo seleto de leitores é tão difícil quanto para quem o

gerou, ou seja, escrever colocá-lo com sucesso no mercado, escolas e lares de bons leitores pode ser tão difícil quanto se mover dentro da urna rumo ao seu ao 0,5% finais.

Agora que estamos aqui vamos consumar nossa parceria, consolidar talvez. Espero colhermos bons frutos nessa cumplicidade.

O social constituído recebe com restrições o desconhecido, mas, esta obra proporcionará a você que estar com ela em mãos, comentar esta história na roda de amigos, passeando pelo antigo sem perder a qualidade do diálogo que enriquece o cabedal individual, bem como contribuir à visão social que a caminhada impõe a maioria dos brasileiros, no sistema democrático, o que é fundamental no discernimento entre o bem, o mal, o bom e mau, e ainda, o equilibrado se faz privilégios ao destemido. O livro pode ser um grande psicólogo quando você sentir falta de propósito ou significado da caminhada, psiquiatra quando os problemas de ordem emocional, ou seja, o sofrimento psíquico, passam a interferir de forma recorrente nas atividades rotineiras e o racional não conseguir resolver com o próprio espelho, ou ainda um futurista, o que pode ser desnecessário, basta olha para traz depois de número dois e espelhar o próprio futuro.

Este livro oferece aos leitores histórias de crescimento social digno próspero ou mitos e preconceitos contra tudo e todos até que se descura da família, um ser humano que tem de ser incorporado através de certidão de

nascimento, foi batizado em algum segmento religioso, para possuir caráter, decência e acessão social por necessidade própria e obrigações impostas pelo social, ou seja, o irracional que se fez racional sabendo transitar todos os dias entre os dois marcado pela certidão dos 0,5% de nascimento, regras sociais e, mais tarde, com certeza a certidão dos 0,5% também conhecida como óbito. Esse é o primeiro passo para se chagar ou não até crivo da manada.

Neste livro o leitor conhecerá histórias divertidas, sofrida em vários meandros de racional comum que existe por todo lugar do Brasil e continuará existindo por muitos e muitos milhões de séculos e outros nem saem da irracionalidade.

Esta história inicia com a festa dos 0,5% e terminará no ápice de vários trabalhos conquistados e um deles se fez emprego, foi baseada na minha própria caminhada, evidenciando fatos do meio, esperança, futuro, satisfação e com a administração pessoal e pública, mas tudo de acordo com a vontade do criador mundial e cedente da racionalidade ao irracional que oscila diariamente entre os dois.

Boa leitura.

O nascimento

O décimo quinto filho nascido em família pobre no interior do estado de Goiás, não em cidade pequena igual você pensou, mas em um casebre no meio do mato, em um lugar ermo que possuía o nome de fazenda, na verdade toca da onça, rato, palhoça, casa de taipa as margens esquerda do córrego bom jardim a uns seis a dez quilômetros a rio abaixo da cidade de Bom Jardim de Goiás nos confins do sertão onde havia apenas a proteção divina. O dom da mulher corajosa por razões aqui desconhecidas, mais óbvia para continuar existindo naquele lugar resolveu ajudar outras a parir e, o povo a deu o nome de parteira, com o tempo ela foi aprendendo a puxar os filhos do mato para fora da barriga de quem a chamasse qual que hora.

Com o básico a sustentação alimentar à família, segundo a crença, Deus mandava ter filhos, muitos filhos para colaborar a manutenção e posse das terras. No primeiro ano a parteira compareceu, no segundo outra vez e assim sucessivamente nos dezesseis anos subsequentes. A parteira estava puxando a cabeça de um e a outra cabeça estava pronta para deixar outro dentro. Chegava um mensageiro montando cavalo para leva-a a outra missão. Dona Maria Flôzina não tinha sossego, perdera a conta de quantas filhos do mato ajudou colocar no mundo.

Quatro dos dezesseis viram que era fria ficar neste cenário entregaram o bastão, deram adeus aos sete dias de caminhada. Contudo,

doze racionais continuaram a alegria de Antônio. Oba! Agora posso derrubar mais dez hectares de mato para plantar arroz, feijão, milho e outros cereais. Agora vou ficar rico, tenho muitos filhos para me ajudar.

Graças a Deus que as pessoas, ao longo do tempo vão adquirindo consciência a respeito do planejamento familiar, evoluem na própria terra ou arribam para aventurar nas cidades. A condição social e o número de pessoas têm a ver com a explosão demográfica ou simplesmente o tempo se encarrega das mudanças essenciais para ajustar o cidadão à sua realidade.

Em outra classe social o décimo quinto e o décimo sexto filho nem por vontade de Deus teria respirado, pois havia ficado preso no nó da laqueadura ou da vasectomia. Assim não sendo, o décimo sexto não aquentou o repuxado da caminhada e viajou prematuramente, ou seja, Manoel ficou asfixiado no tétano umbilical, mais conhecido, naquele meio, como mal de sete dias e o décimo quinto não estaria proporcionando, a você, caro leitor, esta leitura.

A festa ao nascimento do décimo quinto foi o tapa do fazer chorar, o heroísmo ao próprio para sobreviver na luta do aprender contra tudo e contra todos. A mãe passava a mão na cabeça, mas não podia amolecer para o menino não tomar outro rumo que não o de ser bruto como a maioria dos racionais do mato. O carinho dos irmãos mais velhos era apenas fortalecer no que se esperava de um racional. O pai não alisava filho, não pegava no colo, não dava beijos, não ajudava a mãe quando o a

filha ainda bebê, não matinha contato com os filhos além de pegar na mão para dizer: Deus te abençoa. Isso era bastante para festejar a chegada dos pais em casa. Isso era tudo.

Vontade de fazer

Depois que nasce à vontade aparece e parece que há de se realizar. A ideia de fazer é igual água mole em pedra dura, tanto bate até que fura, ou simplesmente desliza rio abaixo, mas nunca deixa de rolar, infiltrar em qualquer lugar, pode se juntar às águas salgadas do mar evaporar e voltar a ser doce, rolar para, de novo se salgar. Assim é a caminhada. Rola sem destino, evapora, solidifica e rola pela terra até ficar salobra e imprópria ao consumo humano. Às vezes, esbarra em um lago, é exíguo ao que se deseja, evapora e cai em outro lugar, rodeia a caminhada sem nunca se salgar nas águas do mar. Persiste e persegue o rumo do mar como se fosse a própria sobra, igual alma e corpo seguem noite e dia sem parar sem conhecer o mar. Todavia na noite o corpo deita e a sombra se esconde embaixo dos lençóis e dorme junto com a pessoa. Não sei ao certo se ela sai do corpo e vai buscar os sonhos, pesadelos ou, às vezes, em paz dorme e amanhece descansada. Ao sol, porém ela está ali do lado, por vez, quase escondida embaixo do sol do meio-dia sem assustar o domo a sombra é dele igual alma, dela se esquece, mas nunca se escapa, não se dar à mínima aos seus apelos, passando na poça de lama em um

tropeção cai de cotovelo no chão e se levanta sem nenhum arranhão, enquanto o corpo se ergue enlameado xingando até a última geração, sabe lá de quem, olhando para mão. Qual sombra é a sorte da caminhada, às vezes sim, às vezes não. É preciso seguir em frente achando que o caminhar ficou para traz e não há mais solução. É para frente que se anda o que passou não volta mais. Não se pode fugir, não sabe aonde vai. À vontade de caminhar sai do campo e vai voar pela escrita de quem quer ficar na história de alguns de algum lugar.

Propus iniciar esta obra e, seja agora o que a crítica quiser; sei que santo de casa não faz milagres e é desses que a pessoa recebe as primeiras e mais duras críticas, contudo, para mim, elas não serão as primeiras e nem as últimas.

Olhando de norte a sul, de leste a oeste, analisando desde a Teoria do Big bang, passando pela Genealogia Bíblica, Tragédias Gregas, nazismo, cibernética e até a informática, sempre enxergando o mundo quase pronto sabendo que haverá sempre pedras a ser retirada do caminho. Ainda que a chuva, o fogo, o sol, o sal, o ar e as atitudes rumo à destruição, a voraz, a ironia, o equilíbrio que o racional impunha suas ações para permanecer vivo, há mente demente, há renovação dos valores naturais, levando à observação desse mesmo racional que sucumbi em seu próprio existi: “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”. Nesta deixa entro com Livros para fazer marca de caminhada na terra através da escrita.

Uma passagem na introdução da Boa Semente; livro católico, que, particularmente, gosto muito; "Os Profetas: Deus forma seu povo em primeiro lugar mediante a sua Palavra". A Palavra de Deus é viva eficaz; Espírito e caminhada, mais cortante que espada de dois gumes, que não volta a ele sem ter cumprido a sua missão. "A Palavra purifica e educa".

É assim que a capacidade de se renovar torna possível, sendo ela responsável pela transmutação para nos animar, dar forças de superar as mazelas existentes e sugere seguir em frente com nosso objetivo, seja qual for a análise que se faça sobre objetivo a ser atingido, o mais importante é que não se perca o foco final. A final, ainda que sem os sursis da caminhada, porém sabendo que há escritores e Escritores, eu pretendo apenas registrar fatos históricos, se não escritos, morreram juntos comigo, sem ficar nenhum rasto desta passagem pela terra. Um assento de nascimento, algumas fotografias, empregos, esposas, filhos, árvores plantadas e certidão de óbito, são acontecimentos significativos na caminhada e seriam bastante e é para tantos. Mas falta algo, não sei se pode ser um livro, talvez não, talvez sim. Talvez não haja nada que possa ser esse complemento, todavia, só a ansiedade não basta, há de se buscar algo dentro dela, mesmo que se percorram caminho sem encontrar as soluções às mazelas da caminhada e pode ser que ninguém consegue encontrar a perfeição total. Jamais saberemos do

segundo se não conhecermos o primeiro, jamais daremos o segundo passo sem ter dado o primeiro. Ainda que o segundo seja o primeiro rumo ao último, quiçá na multidão haverá apenas um primeiro passo caracterizando o último.

A caminhada é grande enrolação para ser desenrolada, que nos lembra um cachorro correndo atrás do rabo até se cansar para descansar e correr novamente. Propositadamente não quis escrever o livro para ficar pronto e acabado. Por que na máxima; “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma” aos olhos, a caminhada que provoca a regalia e a curiosidade move a vontade de prosseguir, mormente a esperança. Afinal, o terceiro item da caminhada é a esperança, o segundo é a saúde e o primeiro item é a própria caminhada.

Este é apenas mais um livro, nada de espetacular. Não espere que seus problemas terminem ao concluir a leitura deste livro, mesmo porque, problemas não são para ser resolvidos, mas, os donos deles deveram aprender conviver com eles, baseando que um problema vai e outro vem.

A Fuga

A migração do ser humano foi, é e sempre será constante e não era diferente naquela época. As famílias saem de qualquer lugar para qualquer lugar, neste caso do sertão da Bahia ao centro-oeste do Brasil, especificamente do interior do município de Barreiras, a qualquer lugar que oferecesse “melhores”

condições de caminhada. Andando meses e meses a pé, saiu uma, duas e mais outras famílias sofrendo os efeitos do sol, muito sol que seca sem piedade o chão para depois quase afogá-lo com chuva desproporcional a cair no cerrado denso do interior de Goiás.

As crianças andavam meses e meses montado no lombo de jumentos, cavalos e éguas, às vezes, paridas. Os adultos puxando a tropa carregada de quinquilharias, também chamado de mudança. Andavam em média quinze quilômetros por dia. Depois de um mês de caminhada haviam passado por muitas terras sem dono; devolutas, onde acampariam sem serem importunados por ninguém, porém quanto mais longe da seca melhor, se bem que, em Barreiras a chuva ainda colaborava um pouco com o sertanejo. Passaram-se noventa dias de passadas; aproximadamente 1.350 km caminhados rumo ao desconhecido, todavia com objetivo pré-determinado para, no centro-oeste brasileiro ninguém morrer por falta d'água. Parte da caravana ficou em Caiapônia – GO, a outra seguiu em frente como se quisesse acompanhar os passos de Rondon. Caminhavam por trilhas estreitas e fechadas, na parte superior, pelos galhos das copas das árvores. -Que terra boa! Alguém exclamava. – Vamos entrar para fazer nosso rancho. Outros ponderavam, aqui estar bom demais. -Nada, vamos mais. Parar só adiante. Até que atravessaram um córrego; que mais tarde descobriram chamar Bom Jardim. Andaram mais uns cinco quilômetros e entraram no mato com destino a margem esquerda do caminho. Fincaram

barracos na beira de um brejo determinados fixaram residência ali mesmo.

A população brasileira ainda estava basicamente no campo. Os “agricultores” plantavam grãos em quantidade suficiente para alimentar a família durante o ano seguinte e vender parte na corruptela para atender outras necessidades; tais como comprar roupas, calçados, sal, querosene. O modo de produção era essencialmente artesanal, o que demandava muito trabalho a todos para produzir pouco. As jornadas exaustivas de trabalho envolviam todos os membros da família, a família necessitava de muitos racionais para trabalhar, daí o nascimento de muitos filhos e filhas para ajudar nas tarefas domésticas e da roça economizava mão de obra externa ao conjunto familiar.

Fixando na terra

Naquele tempo as famílias iam chegando e fazendo morada no “seu pedaço de chão” depois de vinte e um anos morando no mesmo lugar o governo brasileiro cedia a terra a esta família sob a titularidade de uso campeão.

Entre a chegada e a efetivação na terra havia história de trabalho e sofrimento pelo qual os posseiros de hoje não sabem, nem de longe, o que significa. Ao decorre do livro perceberam a dificuldades dos ocupantes daquela época.

Os parceleiros de hoje organizam-se, reivindicam e recebem apoio dos governos Federal,

Estadual e Municipal bem como de quaisquer camadas social que se disponha ajudar e, todas colaboram. Lembrando também que há legião de primeiras-damas, em época de eleição, levando cestas básicas, oficializadas ou não e, o próprio INCRA, às vezes, fazendo política indevidamente. Não podendo deixar de citar o cartão cidadão e os bolsões incentivado às pessoas ficarem sempre por baixo. Ainda assim o racional, que na hora de escolher a terra sendo do campo não permanece no lote recebido através de sorteio, vende a terra à terceiro porque tem certeza do aval de alguns servidores do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária aos que compra as benfeitorias construídas em cima da terra, contudo a terra acompanha a negociação das benfeitorias.

O poder político continuou nas mãos dos latifundiários: os famigerados “coronéis” do interior. Apenas no final dos anos 50, início dos anos 60, com a industrialização do país, a questão fundiária começou a ser debatida pela sociedade, que se urbanizava rapidamente. Surgiram no Nordeste as Ligas Camponesas e a Superintendência da Reforma Agrária (Supra) foi criada pelo presidente João Goulart como o primeiro instrumento do governo para implantar a política de reforma agrária no Brasil. Ambas foram duramente combatidas pelo establishment, dentro do quadro que resultou no golpe militar de 1964. Contraditoriamente, logo no início o regime militar deu o primeiro passo para a realização da reforma

agrária no país, editando o Estatuto da Terra (Lei nº. 4.504, de 1964) e criando o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (Ibra) e o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (Inda), em substituição à Supra. Em 4 de novembro de 1966, através do Decreto nº 59.456 o governo criou o Plano Nacional de Reforma Agrária. Não saiu do papel. Em 9 de julho de 1970 através do Decreto nº 1.110, foi criado o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), foi o resultado da fusão do Ibra com o Inda. Muito mais do que reforma agrária, o que se tentou fazer na época foi à colonização da Amazônia. Levas de migrantes nordestinos foram levadas a ocupar as margens da estrada Transamazônica e empresas de variados ramos receberam incentivos fiscais para grandes projetos agropecuários. A experiência não foi bem-sucedida. A redemocratização do país, em 1984, trouxe de volta o tema da reforma agrária. O Decreto nº 97.766, de 10 de outubro de 1985, instituiu novo Plano Nacional de Reforma Agrária, com a meta utópica de destinar 43 milhões de hectares para o assentamento de 1,4 milhões de famílias até 1989. Criou-se para isso o Ministério Extraordinário ao Desenvolvimento e a Reforma Agrária (Mirad), mas quatro anos depois os números alcançados eram muito mais modestos: 82.689 famílias assentadas em pouco menos de 4,5 milhões de hectares. Esses números refletiam o intenso debate político e ideológico em torno da reforma agrária na Assembleia Nacional Constituinte. Do embate resultaram na

extinção do Incra, em 1987, e a do próprio Mirad, em 1989. A responsabilidade pela reforma agrária passou para o Ministério da Agricultura. Em 29 de março de 1989 o Congresso Nacional recriou o Incra, rejeitando o decreto-lei que o extinguira, mas a falta de respaldo político e a pobreza orçamentária mantiveram a reforma agrária semiparalisada. Eleito em primeiro turno, contando com ampla maioria parlamentar e sensível à crescente pressão da sociedade, o presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu fazer da reforma agrária prioridade do Governo Federal, com o compromisso de assentar 280 mil famílias em quatro anos. A questão foi vinculada diretamente à Presidência da República com a criação, em 29 de abril de 1996, do Ministério Extraordinário de Política Fundiária, ao qual imediatamente se incorporou o Incra. Desde então a reforma agrária foi fortemente acelerada, com dotações orçamentárias crescentes e importantes alterações legislativas lógicas que permitia o Incra assegurar metas, mais do que cumprida, seria ultrapassada.

Fruta Banana

Antes de tantos avanços e modernização deste processo de humanização no campo, Antônio e Jovina fizeram morada na fazenda chamada Fruta Banana de proprietários definido, cujos nome não tenho para informar. Porém ficaram de olho em áreas que pudessem apossar para depois de vinte e um anos (uso campeão) serem

donos definitivos. Retornaram então às margens do Córrego Bom Jardim onde havia deixado parte da família.

Como qualquer jovem sem orientação, seja da área rural ou urbana, esse jovem casal da área rural que conservou o ato de assumir responsabilidades, sob olhares severos dos pais, teve de tocar suas caminhadas e de preferência com muitos filhos, convencidos que controle de natalidade pertencia apenas a Deus. Todavia os filhos eram bem-vindos para serem "potencial" trabalhadores a benefício da família, ainda que esse viesse a construir precocemente outra família.

Alheios a esta problemática ou costume rotineiro acima. Onde se chegava derrubava mato de acordo com o corte do machado, foice, faca e facão. Cada um fazia o que o braço aguentava. Formava pastos. Fazia roças. Constituíam-se famílias que passavam a se casar entre se para não haver divisões de animais e por falta de opção nas imediações com possibilidade de conquistar a confiança dos senhores, na verdade, de engenho e para assegurarem as terras entre eles. Viviam próximo a irracionalidade.

Bem essa história é matéria para outro livro e o que interessa aqui é história mais restrita aos fatos centrados na proposta inicial.

Aqui Estar Ótimo

Entrava-se no mato para fincar um cerne de aroeira demarcando o terreno onde ficaria pela caminhada toda, media-se com corda em braçadas e a usava na direção desejada para fincar o segundo marco, assim se fazia ao terceiro até fecha e ao quarto. Com o quadrado fechado estava demarcada a posse. Desmatava-se para plantar a primeira roça, após a colheita transforma-se o local em pasto e começava abrir mais um clarão ao sol reinar soberano e absoluto. Dessas derrubadas tirava toda madeira para construir currais rústicos, cangas para bois puxar carro, queimar no fogão ao fabrico de comida, farinha e outros alimentos que necessitavam de muita lenha, cercas de arame e haja braços para lidar com tanto trabalho manual.

Não ficaria sem construir o casebre, cortavam algumas centenas de valara retilínea ou tabocas, quatro paus liso e grossos de costela-de-vaca, aroeira ou qualquer outra madeira resistente, para sustentação da estrutura do barraco e cobertura. As tabocas eram lascadas com facões, com essas lascas delineavam as paredes para colocar barro viscoso para manter de pé a estrutura erguida com varas de taboca, a cobertura era feita com palhinhas de piaçava; a telha. Muitas cordas improvisadas de cipó ou fibra do broto do buriti para trançar as paredes em forma de quadrados, visando sustentar o barro molhado em substituição ao tijolo. Ficava uma droga. Passado um ano pingava lá fora e chovia dentro da palhoça, não obstante era experiência

trazida na bagagem. As paredes, depois de velhas, serviam de esconderijos para baratas, percevejos, escorpiões e outras traças.

A roça de mandioca era a primeira a ser plantada. O retorno era mais imediato. Plantavam as primeiras ramas ao redor da casa, estas vinham no lombo de jumento. Para qualquer lugar que se deslocava uma família, um jumento era preparado exclusivamente para carregar ramas de mandioca. Colocavam o máximo de ramas possível. Tirava do lombo do jumento, abriam as covas com tocos de enxadas; companheiras inseparáveis de um bom pretenso agricultor, só se pensava em matar a vontade de comer. O toco de enxada servia também para arrancar minhocas visando à pesca, necessariamente todo pretenso a agricultor também se fazia um potencial pescador. Por causa da água de tomar alojavam sempre as margens de um rio. racionais saiam mato adentro matando tudo que era bicho de aparecia comestível, não podia ouvir um movimento em moitas, que entravam na posição de negacear. Espingarda, estilingue, trabuco, vara de pescar, paus, unas e dentes; tudo servia de arma contra as caminhadas silvestres. Frutos do mato se transformavam em banquete enquanto esperava os cereais chegarem ao ponto de colheita. De seis mês a um ano começava arranca o pé da mandioca para manualmente extrair seus derivados. Não se perdia nada, beiju, polvilho, farinhas, casca para os tratar os porcos que soltos, não podiam descuidar um minuto se não eles comiam tudo e morreriam empachados.